



## RUMO A UMA TEOLOGIA FEMINISTA DECOLONIAL DA LIBERTAÇÃO<sup>1</sup>.

## TOWARDS A FEMINIST THEOLOGY OF DECOLONIAL LIBERATION.<sup>2</sup>

Priscila Kikuchi<sup>3</sup>

### Resumo

A proposta deste artigo é fazer uma análise e reflexão com base em alguns teóricos/as e pesquisadores/as que teorizaram ou/e desenvolveram pesquisas sobre a: Teologia da Libertação, Teologia Decolonial, Teologia Feminista e Teologia Feminista Pós-colonial, com o objetivo de “rascunhar” a viabilidade de se construir o que chamo de uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação, uma proposta teológica em constante movimento, onde sua práxis se dá de acordo com as demandas dos corpos-geopoéticos-situados.

**Palavras-Chave:** Teologia da Libertação. Teologia Feminista. Teologia Feminista Pós-colonial. Feminismo decolonial

### Abstract

The purpose of this article is to make an analysis and reflection based on some theorists and researchers who theorized or/and developed research on: Liberation Theology, Decolonial Theology, Feminist Theology and Post-colonial Feminist Theology, with the objective of “drafting” the feasibility of building what I call a Decolonial Feminist Theology of Liberation, a theological proposal in constant movement, where its praxis takes place in accordance with the demands of situated-geopoetic-bodies.

**Keywords:** Liberation Theology. Feminist Theology. Post-colonial Feminist Theology. Decolonial Feminism.

---

<sup>1</sup> O título deste artigo é uma paráfrase do título do artigo de María Lugones *Rumo ao feminismo decolonial*.

<sup>2</sup> The title of this article is a paraphrase of the title of the article by María Lugones *Towards decolonial feminism*.

<sup>3</sup> Professora, Cientista Social, Teóloga e Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Contato: [priscila.kikuchi@gmail.com](mailto:priscila.kikuchi@gmail.com)

## 1. Teologia da libertação: uma breve introdução

O filósofo mexicano Enrique Dussel (1992) diz que a Teologia da Libertação trata-se de uma teologia-ética pensada desde as periferias, desde os povos que estão marginalizados. A Teologia da Libertação já completou mais de cinquenta anos de existência, e há muito o que se comemorar mas, também e principalmente, repensar. Afinal, sendo a mesma uma teologia que procurou fazer da realidade a sua matéria-prima do fazer teológico, faz-se sempre necessário repensar as suas demandas de maneira crítica.

No livro do teólogo Jung Mo Sung (2018), *Teologia e Economia: Repensando a Teologia da Libertação e suas utopias*, o mesmo nos situa sobre o contexto no qual a Teologia da Libertação começa a ser elaborada. Segundo o teólogo, entre os anos de 1960-1970, na América Latina, no que tange às questões sociais e políticas do continente, predominou a teoria do desenvolvimento, também conhecida como doutrina do desenvolvimentismo.

O marco teórico dessa doutrina é o livre comércio e a teoria das vantagens comparadas, isto significa que, os países atrasados deveriam se especializar na produção de produtos primários, e no avanço dos produtos industrializados. Pensava-se que dentro dessa dinâmica, a baixa produtividade dos países atrasados manteria o preço desses produtos altos e, com isso, seria gerada uma transferência de renda dos países mais avançados, para os mais atrasados.

O que a teoria das vantagens comparadas defendia e previa, acabou não acontecendo, e nessa época, um estudo feito pela CEPAL<sup>4</sup>, levantou críticas a essa teoria, pois constatou que, em primeiro lugar, o subdesenvolvimento dependente só acontece dentro da estrutura interna dos países periféricos, com a baixa integração da produção agrícola primária nos demais setores produtivos, gerando desemprego estrutural, consequência da expansão demográfica da qual a produção agro-exportadora não dá conta de abarcar.

Soma-se a essa situação, o fato de haver um baixo nível de organização e sindicalização dos trabalhadores no continente, e a situação de subdesenvolvimento, que é resultado da constante queda de poder de compra dos países atrasados, e sua capacidade de intercâmbio com os países industrializados. Ao invés dos países que exportavam produtos primários receberem o aumento de sua produtividade, ocorria que, os mesmos, colaboraram com a sua própria

---

<sup>4</sup> A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe ou Comissão Económica para a América Latina e Caraíbas foi criada em 1948 pelo Conselho Económico e Social das Nações Unidas com o objetivo de incentivar a cooperação econômica entre os seus membros.

dependência, mandando para fora, justamente a sua fonte primeira de desenvolvimento, inviabilizando o seu desenvolvimento econômico.

Em reação contrária a essa teoria, se levantaram outras, exigindo a libertação da dependência econômica da América Latina. Alternativas e caminhos começaram a ser desenvolvidos em diversos âmbitos do conhecimento para que fosse possível, levar a América Latina a uma autonomia econômica. Uma delas, mais especificamente no âmbito religioso cristão, foi a Teologia da Libertação.

A Teologia da Libertação nasce provocada pelas questões mencionadas acima, com o objetivo de contribuir com a luta pela libertação econômica-social e levar à América Latina a uma autonomia econômica. Vale destacar também que o Concílio Vaticano II (1962-1965), contribuiu significativamente para o estabelecimento desta teologia no continente.

Enquanto Teologia, segundo o teólogo Rubem Alves, em seu livro *Da esperança*, um dos papéis da Teologia da Libertação se dá no campo da linguagem religiosa cristã, isto é, deve-se construir uma nova linguagem que corresponda à necessidade humana de libertação, e que dê condições para que a humanidade entre em um processo histórico de libertação também no nível simbólico.

Para isto, Alves aponta para a necessidade da compreensão da dialética política, pois é nela que se criam as condições para a libertação humana, e onde a esperança se torna algo possível. Essa linguagem se contrapõe a do mercado, porque é uma linguagem humana, e incorpora o universo de mulheres e de homens para a libertação e esperança.

Por ser uma linguagem humana, também é uma linguagem de fé e uma linguagem histórica, pois fala a partir de um contexto terreno.

A Teologia da libertação como ação para a transformação da linguagem, se compreende como capaz de construir símbolos - que no caso são religiosos - específicos do contexto cristão. Portanto, é possível dizer que a Teologia da Libertação, para além da inserção em lutas de libertação econômica, também possui como espaço de luta, o campo simbólico do cristianismo.

A luta simbólica e a luta pela soberania econômica na América Latina, a partir da perspectiva da Teologia da Libertação são intrínsecas, e essa característica se evidencia no pensamento do teólogo Gustavo Gutiérrez, no livro *Teologia da Libertação: Perspectivas*. De acordo com Gutiérrez, a superação da situação de dependência acontece por meio de práticas que possam levar a América Latina em uma direção alternativa, capaz de construir uma sociedade que teria suas bases no pensamento socialista.

Portanto, a teologia deve estar à serviço da transformação social, sendo temas como: dívida externa e passagem do desenvolvimentismo para o liberalismo, chaves hermenêuticas para a ação da Teologia da Libertação. A inclusão dos temas mencionados fez com que os pressupostos da Ciências Sociais se tornassem um ponto de partida para a elaboração de reflexões teológicas na época. Essa novidade no pensamento teológico ficou conhecida como Mediação-Sócio-Analítica, o uso de tal ferramenta fez com que a Teologia da Libertação encontrasse nas lutas sociais, o seu lugar de inserção e atuação para a libertação.

Nas palavras de Gutiérrez:

Por tudo isso a teologia da libertação nos propõe, talvez, não tanto um novo tema para a reflexão quanto uma nova maneira de fazer teologia. A teologia como reflexão crítica da práxis histórica é assim uma teologia libertadora, uma teologia da transformação libertadora da história da humanidade, portanto, também da porção dela – reunida em igreja - que confessa abertamente Cristo. Uma teologia que não se limita a pensar o mundo, mas procura situar-se como um momento do processo por meio do qual o mundo é transformado: abrindo-se no protesto diante da dignidade humana pisoteada, na luta contra a espoliação da imensa maioria da humanidade, no amor que liberta, na construção de uma nova sociedade, justa e fraterna – ao dom do Reino de Deus. (GUTIERREZ 2000, p.68)

Dentro dessa perspectiva, entende-se que o termo libertação deve carregar em si, toda a aspiração das pessoas oprimidas, desejosas por condições de vida mais humanas em todas as suas dimensões. Portanto a libertação, pela qual advoga essa teologia, implica em “libertar-se de tudo o que limita ou impede homens e mulheres de sua própria realização, de tudo o que trava seu acesso à liberdade ou o exercício dela.” (GUTIERREZ, p.83)

Portanto, é possível dizer que a superação da situação de dependência passa pela linguagem que se encarna, isto é, que se transforma em práxis de libertação, uma ação a partir de uma mediação-sócio-analítica que desemboca na luta social.

A mediação-sócio-analítica deve ser articulada, segundo o teólogo Hugo Assmann, em seu livro *Teologia desde la praxis de la liberación: ensayo teológico desde la América dependiente*, com a reflexão teológica e as considerações pastorais.

A ação política para Assmann, é entendida como uma ação efetiva dentro da realidade histórica da existência humana, e, por isso, se faz necessário uma teologia que seja capaz de construir um sentido cristológico para uma teologia de dimensão política, e isso significa trazer à tona o Cristo presente na história, o Ressuscitado, que se identifica com a causa dos pobres e dos oprimidos.

Nesse sentido, a reflexão acontece na ação e, portanto, deixa de lado a ideia do fazer uma teologia fechada em um mundo próprio, paralelo à realidade, incapaz de entender os problemas.

De acordo com o que foi exposto até o momento, a Teologia da Libertação é uma teologia política, com a capacidade de romper com sistemas coloniais que mantêm a América Latina em situação de colonialidade.

### *1.1 Teologia da libertação em perspectiva decolonial.*

O teólogo Carlos Alberto Mota Cunha, no texto *Teologia decolonial e epistemologias do Sul*, nos faz pensar que para a Teologia da Libertação ter um caráter decolonial, a mesma precisa articular à sua mediação sócio-analítica com a situação de opressão/colonização. Segundo Cunha, uma teologia de caráter decolonial<sup>5</sup> se faz quando:

A teologia é provocada a se decolonizar para criticar a matriz cultural do poder colonial ampliando então o seu horizonte epistemológico para ver e agir de modo eficiente junto aos movimentos sociais que vêm reivindicando antigos e novos direitos negados. (CUNHA, 2018, p.320)

Diante disso, pode-se dizer que aliar as aspirações da teologia da libertação, à produção teórica decolonial, contribui com a: 1) libertação de uma teologia, o que implica em uma revisão de seus fundamentos epistemológicos, verificando se os mesmos são libertadores ou não, e que sejam capazes de identificar o problema colonial imposto pela modernidade/colonialidade; 2) elaboração de uma teologia a partir das fronteiras sendo este o lugar privilegiado para reflexões contestadoras de políticas hegemônicas; e 3) articulação da teologia com as demais saberes e intervenções que emergem do Sul global<sup>6</sup> (SANTOS, MENESES, 2010).

Diante do que foi exposto, percebe-se que a Teologia da Libertação possui um caráter decolonial, pois possibilita enxergar as pessoas excluídas, porém seu limite se deu a partir do

---

<sup>5</sup>A palavra “decolonial” aparece nas reflexões do Grupo M/C/D (Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade) como um instrumento político, epistemológico e social, que visa compreender de que maneira se acontece a construção de instituições e relações sociais marcadas por lógicas opressoras que almejam uma geopolítica mundial perversa e desigual. O conceito “colonialidade” não se restringe ao poder, mas está presente também nos âmbitos do saber e do ser. Se caracteriza por ser um sistema de classificação social, que se estabelece a partir da invenção da raça, interseccionando-se com as dimensões de gênero e trabalho. Segundo o pensamento decolonial, estas são as três linhas principais de classificação que constituíram a formação do capitalismo mundial colonial/moderno no século XVI.

<sup>6</sup> O Sul global não é somente como um local geográfico, mas sim, um lugar onde se denuncia a supressão dos saberes pelo sistema colonial/moderno.

momento em que as pessoas excluídas se reduziram à categorização “*o pobre*”. Essa redução faz com que “*o pobre*” não possua um corpo, que é situado em diversos contextos de opressão colonial. Sobre essa questão, se faz importante evidenciar as críticas que a Teologia Feminista imputou a Teologia da Libertação.

## 2. Teologia feminista e as críticas à Teologia da Libertação.

A teóloga feminista Rosemary R. Ruther, em seu livro *Sexismo e Religião: rumo a uma teologia feminista*, diz que na teologia cristã tradicional, o pensar e o fazer teológico sempre estiveram nas mãos dos homens, e por isso, as principais referências teológicas foram predominantemente orientadas pela cultura patriarcal.

As mulheres na Teologia da Libertação, como vimos no tópico anterior, são mencionadas porém diluídas na categoria “*o pobre*”. Foi diante deste contexto que surge então a Teologia Feminista, que no contexto latino-americano, nasce dentro da própria Teologia da Libertação, onde teólogas feministas da libertação começam então a pensar a teologia a partir da experiência das mulheres, sobre isso falarei mais à frente.

Por agora, é importante mencionar que a Teologia Feminista teve seu início no protestantismo estadunidense no período de 1895-1898, com a publicação da Bíblia da Mulher (*Woman's Bible*). A iniciativa se deu por Elizabeth Cady Stanton, que liderava um grupo de mulheres que procuravam examinar nas escrituras, as referências específicas sobre as mulheres. Faz-se importante destacar também que este movimento nasce como consequência das reivindicações sufragistas<sup>7</sup> do movimento de mulheres nos EUA na época, do qual Elisabeth Cady Stanton também fazia parte.

No âmbito do catolicismo, mulheres católicas começaram a se organizar, e formaram a “Aliança Internacional Joana D'arc”<sup>8</sup>, esse movimento feminista reivindicava a igualdade entre homens e mulheres, e criticava a visão masculina de Deus expressada na polêmica frase: “Orai a Deus e Ela vos ouvirá”.

Voltando contexto latino-americano, temos como uma das principais referências na Teologia Feminista, a teóloga feminista Ivone Gebara. Em seu livro *Rompendo o Silêncio: uma*

<sup>7</sup> O movimento sufragista, iniciado no século XIX, consistiu em uma luta de reivindicação pela participação ativa das mulheres na política, concedendo a elas o direito de votarem e de serem votadas.

<sup>8</sup> A Aliança Joana D' Arc foi um movimento que começou na Grã-Bretanha, em 1911. Essa organização foi, durante muito tempo e em um contexto em que as instâncias eclesiais eram pouco ou nada sensíveis às premissas cristãs no interior do feminismo, o “único catalisador dos anseios e lutas da mulher católica”, bem como o único movimento feminista católico. In. FREITAS, M. C. de. Op. Cit., p. 21. Ver também: BRUNELLI, Delir. *Libertação da Mulher. Um desafio para a Igreja e a vida religiosa da América Latina*. Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil, 1988, p. 16.

*fenomenologia feminista do mal*, a mesma afirma que é preciso pensar uma teologia que venha nascer da necessidade específica das mulheres, segundo Gebara“... os gritos das mulheres para Deus são mais fortes e mais frequentes...” (GEBARA, 2000, p. 203). Sendo assim, a teologia feminista tem o desafio fazer a articulação da vivência feminina e sua relação com Deus, para que esse Deus possa refletir as próprias mulheres.

Através da hermenêutica bíblica feminista, a Teologia Feminista interpreta a realidade a partir dos textos bíblicos, sendo essas interpretações, articuladas à experiência religiosa e social das mulheres, expressas no cotidiano e em suas diversas relações.

A Teologia Feminista na América Latina, por ter nascido dentro da Teologia da Libertação, herda boa parte das suas perspectivas, ela mantém a crítica ao projeto desenvolvimentista que produz pobreza, ampliando-o para situação de pobreza das mulheres, que as vulnerabiliza até mesmo dentro do espaço doméstico. Também mantém um discurso de libertação da opressão, ampliando-o para a crítica ao patriarcado e a opressão feminina.

Dada a sua capacidade de ampliar tais questões, a Teologia Feminista também ousou se posicionar em relação às questões que custam caro ao cristianismo, como os direitos sexuais e reprodutivos, e tal posicionamento fez com que sua autonomia em relação à Teologia da Libertação fosse, em certa medida, até forçada.

Além disso, a Teologia Feminista escancarou os limites práticos e teóricos da Teologia da Libertação, especialmente no que diz respeito à sua relevância na atualidade. Sobre isso, Gebara em seu texto *A Teologia da Libertação e as mulheres*, diz que:

(...)hoje a Teologia da Libertação se tornou mais objeto de teses de doutorado ou de mestrado, de artigos de revistas de cultura e de história, e menos um pensamento performático que dá conta da complexa realidade dos marginalizados/as da América latina. Não há novos projetos políticos e as esperanças históricas de uma justiça social distributiva encontram-se enfraquecidas. (GEBARA, 2020)

A crítica teológica feminista que se faz à Teologia da Libertação, não vem no sentido de negar a intencionalidade social da mesma, e sua preocupação com a opressão e libertação dos pobres, mas sim, convidar a refletir sobre o que impediu e ainda impede a Teologia da Libertação de escutar uma outra perspectiva que brota dos corpos diferentes, ir além do discurso universalista que se pretende incluir a todos idealmente, propondo um diálogo intercultural, na tentativa de ensaiar reflexões inclusivas.

Diante do exposto, vale destacar que, quando a Teologia Feminista reivindica o corpo e a experiência das mulheres como o lugar do fazer teologia para uma ação libertadora, ela

dimensiona a mediação-sócio-analítica para uma mediação-corpo-geopolítica - do corpo que fala, do corpo situado (GROSFOGUEL, 2012),- o lugar de anunciação teológica da libertação.

### *2.1 Teologia feminista em perspectiva decolonial*

Esse giro na práxis teológica, revela o caráter feminista descolonial dessa teologia, nesse sentido, vale destacar o que a socióloga e feminista decolonial María Lugones, em seu texto *Rumo a um feminismo decolonial*, a mesma considera o Feminismo Decolonial um passo metodológico dado pelos feminismos das mulheres de cor, que leva para a direção de um feminismo que se projeta a partir da diferença colonial, isto é, a partir de toda forma de resistência à colonialidade.

Portanto, segundo Lugones: “Descolonizar gênero é necessariamente uma práxis” (LUGONES, 2019, p.363), isso significa transformar a crítica à opressão de gênero - racializada, colonial, capitalista e heterossexista - em uma mudança viva da sociedade na relação oprimir <-> resistir, fornecendo materiais que permitem que as mulheres entendam a sua situação e consigam sucumbir a ela. Segundo Lugones:

Eu chamo a análise dessa opressão racializada, capitalista e de gênero de “colonialidade de gênero”; a possibilidade de superar a colonialidade dos gêneros é o “feminismo decolonial” ... O que proponho com esse trabalho rumo a um feminismo decolonial é que exercemos uns aos outros como resistentes a colonialidade... tarefa feminista decolonial começa por ver a diferença colonial... abandonar seu encantamento com a “mulher”, com o universo... essa visão tenta entender os sujeitos, sua subjetividade ativa, enfatizada à medida em que busca os lócus fraturados (lugar dividido, rachado) comum, as histórias de resistências na diferença colonial são o lugar onde precisamos morar, aprendendo uns sobre outros e outras (LUGONES, 2019, p. 363 e 371).

As histórias de resistência na diferença colonial só podem ser vistas e ouvidas a partir de um lugar dividido (locus fraturado), nesse lugar de fronteira, que não é só um lugar geográfico, é também o lugar do corpo-geopolítico. Sobre isso, é importante também mencionar a teórica cultural chicana, feminista e queer Gloria Anzaldua, que em seu texto *La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência*, define *la mestiza* como uma pessoa que coporifica essa tensão oprimir<-> resistir.



Portanto, é possível afirmar que a Teologia Feminista Latino-Americana possui um caráter decolonial, pois faz do corpo-geopolítica seu lugar de práxis teológica, mas que também é desafiada pelo pensamento feminista decolonial a ir mais além.

### **3. Por uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação.**

A Teologia da Libertação possui um caráter decolonial porque a partir de sua mediação-sócio-analítica, é possível refletir, e construir uma práxis de crítica ao sistema moderno/colonial. A Teologia Feminista também é uma proposta de caráter decolonial, por se fazer a partir dos corpos situados, inscritos numa vida permeada por intersecções de raça, classe, gênero, incluindo nessa intersecção a dimensão religiosa.

Diante disso, convém pensar a possibilidade de “rascunhar” caminhos para o que chamo de uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação. Vale destacar que, durante a produção deste artigo, não foi possível encontrar nenhum texto fazendo referência a uma possível construção teológica que fosse denominada dessa forma.

Por conta disso, considero importante discorrer brevemente sobre a Teologia Feminista Pós-colonial, pois a mesma possui caminhos que nos possibilitam “rascunhar” o que poderia ser uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação. A título de compreensão mais ampla dessa perspectiva teológica, faz-se importante compreender brevemente do que se trata a perspectiva feminista pós-colonial, e, em que medida, a mesma apresenta contribuições e limites em relação ao feminismo decolonial.

A antropóloga, cantora e teórica feminista Ochy Curiel em seu texto *Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial*, diz que existem diferenças entre o feminismo pós-colonial e o feminismo decolonial. A perspectiva pós-colonial, considera que o pós-colonialismo começa em 1947, com a independência da Índia do império britânico, e com o fim da Segunda Guerra Mundial, por isso, é uma perspectiva teórica que possui uma ligação com os processos emancipatórios na Ásia e na África, e com o surgimento de nacionalismos do “Terceiro Mundo”.

Destacam-se na teoria pós-colonial produções inglesas e estadunidenses dos anos de 1980, como: *Orientalismo* do palestino Edward Said; *Pode um subalterno falar*, de Gayatri Spivak, *O local e a cultura*, de Homi K. Babba e *Bajo los ojos de occidente. Academia Feminista y discurso colonial*, de Chandra Mohanty.

O feminismo pós-colonial, segundo Curiel, propõe uma outra narrativa crítica ao feminismo hegemônico, branco e Ocidental, introduzindo a questão de raça, classe e geopolítica. Suas principais contribuições se encontram nos conceitos de colonização discursiva, de Chandra Mohanty, e de violência epistêmica, de Gayatri Spivak.

Diante do exposto, percebe-se que as teorias pós-coloniais, e, conseqüentemente, o feminismo pós-colonial, preocupa-se em evidenciar narrativas outras, que rompem com uma visão do/a outro/a construída de maneira colonial. Trazendo essa perspectiva para o campo da Teologia Feminista, a teóloga Teresa Martinho Toldy, em seu texto *“Passar as fronteiras”*. *Por uma teologia feminista pós-colonial em contexto português*, diz que uma Teologia Feminista Pós-colonial se define como uma teologia que está ciente da necessidade de epistemologias descolonizadoras, significando que:

“Descolonizar” concretamente a teologia, significa, então, desconstruir criticamente formas de produção teológica assentadas em categorias do pensamento dicotômicas e subalternizadas de formas de conhecimento (incluindo o teológico) fora do cânone epistemológico ocidental, ouvindo vozes que produzem outras formas de teologia e procurando formas de cosmopolitismo emergente. (TOLDY, 2015, p. 38).

De acordo com a citação, ve-sê que a Teologia Feminista Pós-colonial critica a produção teológica que produz, reproduz e promove, a colonização discursiva e a violência epistemológica, invisibilizando outras formas de teologia. Segundo Toldy, um dos motivos de haver a colonização discursiva e a violência epistemológica na teologia é porque, o masculino (branco-europeu) é o sujeito da razão teológica ocidental, que tem como aliado o feminismo branco ocidental liberal, representado por mulheres que estiveram do lado dos colonizadores e do pensamento colonial.

Portanto, uma Teologia Feminista Pós-colonial precisa tomar partido e ser interseccional:

Tomar partido numa teologia pós-colonial significa perguntar-se acerca do papel que a religião e as religiões, as instituições religiosas e as teologias desempenharam nos impérios coloniais... significa colocar todas estas perguntas numa perspectiva interseccional. (TOLDY, 2015, p. 51-52).

Na práxis feminista teológica pós-colonial, essa tomada de posição implica, entre outras coisas<sup>9</sup>, construir e difundir leituras pós-coloniais dos textos bíblicos. Sobre isso, teóloga

---

<sup>9</sup> É importante destacar que para além da questão hermenêutica, teólogas feministas pós-coloniais, como é o caso de Kwok Pui-Lan, também estão produzindo teologia no sentido de discutir o diálogo interfé entre as mulheres em nível global.

feminista pós-colonial Kwok Pui-Lan, em seu livro *Globalização, gênero e construção da paz*, destaca o potencial da hermenêutica bíblica da Teologia Feminista Pós-colonial. Segundo Pui-Lan, fazer uma leitura bíblica feminista pós-colonial implica, por exemplo, em dar ênfase na pessoa de Jesus não somente enquanto um indivíduo isolado, mas em relação, neste caso, com as mulheres:

Embora os judeus não falem com as mulheres em público, Jesus falou à mulher samaritana junto ao poço. Jesus curou a mulher acometida de um fluxo de sangue que já durava doze anos, quando deveria ser considerada ritualmente impura segundo a lei judaica. Jesus louvou Maria por ouvir seu ensinamento, enquanto Marta estava demasiada ocupada fazendo o trabalho das mulheres... (PUI-LAN, 2015, p.55).

A citação é um exemplo de possibilidade hermenêutica que evidencia as mulheres em seus cotidianos diversos e a sua relação com o sagrado, mesmo estando em situação de vulnerabilidade e exclusão. É uma leitura hermenêutica que rompe com o padrão colonial sustentado por uma teologia que tem como objetivo, produzir um discurso que mantém uma visão imperialista dos evangelhos.

Nesse sentido, a teóloga feminista decolonial africana, Musa Dube, em seu texto *Toward a Post-Colonial Feminist Interpretation of the Bible*, reforça esse papel, afim de que os estudos bíblicos pós-coloniais, além de identificarem os discursos imperialistas em torno nos textos bíblicos, não os use somente no sentido de acusação, mas também para impulsionar um comprometimento com a luta pela descolonização e libertação dos/as oprimidos e oprimidas. Sobre isso Dube coloca:

Entre os/as leitores/as feministas bíblicos e teológicos o desafio é ler pós-colonialmente para a descolonização, isto é, para combater a violência imperialista e buscar formas libertadoras da interdependência... Eu enfatizo “outro cânone” porque o imperialismo procede negando a validade e os valores de suas vítimas, ao mesmo tempo que impõe suas “grandes narrativas”... Leituras descolonizadoras feministas devem encorajar a “solidariedade na multiplicidade”... afirmar que “histórias” são construídas a partir de negociações realizadas em determinadas posições e relações com outras histórias incluídas... O principal objetivo de uma leitura descolonizadora é a libertação... (DUBE, 2010, p.97-99).

Diante do exposto, a Teologia Feminista Pós-colonial tem denunciado o colonialismo e a violência epistêmico/a que as leituras e hermenêuticas bíblicas imperialistas vem realizando nos últimos séculos, e imaginando narrativas outras a partir da história dos/as oprimidas, construindo assim um caminho para a descolonização e libertação.

Diante disso, me parece relevante e profícuo, para pensar uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação, agregar a maneira como as teólogas feministas pós-coloniais estão desenvolvendo leituras hermenêuticas bíblicas sensíveis a realidade das mulheres.

Porém, apesar de reconhecer essa importante contribuição, não podemos deixar de mencionar que os feminismos pós-coloniais possuem alguns limites. Segundo Curiel (2020), os feminismos pós-coloniais estão mais inseridos em espaços acadêmicos, essa característica não se adequaria à realidade da América-Latina, que tem nos movimentos sociais, seu motor de descolonização e libertação.

Além disso, trazendo essa questão para o âmbito religioso, as linguagens e abordagens acadêmicas possuem pouca aderência e recepção em comunidades de perfil cristão em comunidades religiosas periféricas por ser uma linguagem e abordagem que, em alguns casos, podem não se articular bem com a realidade cotidiana desses grupos.

Nesse sentido, vale destacar o que o sociólogo Ramón Grosfoguel, diz em seu texto *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global*, sobre a descolonização do conhecimento. Segundo Grosfoguel, esse processo parte da perspectiva/cosmologias/visões do Sul Global e de corpos e lugares étnico-raciais/sexuais subalternizados, isto é, parte do lugar geopolítico que é corporificado politicamente.

O corpo político é um corpo situado, e como tal possui demandas. Portanto, uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação precisa ter como imperativo, ser uma teologia feita a partir das demandas das mulheres que fazem parte de uma comunidade religiosa.

#### **4. A Teologia Feminista Decolonial da Libertação é uma teologia que se faz por demanda<sup>10</sup>.**

A antropóloga Rita Segato em seu texto, *Colonialidade do poder e antropologia por demanda*, nos apresenta uma importante reflexão para uma práxis teológica, feminista, decolonial e da libertação. Apesar de seu texto ser direcionado especificamente para

---

<sup>10</sup> Vale destacar que, mesmo defendendo uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação por demanda, esse artigo não consegue dar conta de todas existentes, como por exemplo, demandas da comunidade LGBTQIAPN+, entre outras identidade, que não só frequentam, mas lideram comunidades religiosas. Especificamente neste tópico, meu “recorte de demanda” são mulheres que frequentam comunidades religiosas cristãs, e que possuem a marca de sua existência enquanto corpo-político, seguirem os padrões da heteronormatividade sendo mulheres cisgênero, casadas, mães e donas de casa (cuidadoras). Justifico a escolha desse recorte pelo fato da minha pesquisa de doutorado, citada neste tópico, ter como participantes mulheres com esse perfil. Espero que, em pesquisas futuras, me seja possível pensar a partir de outras demandas, e, ainda, suscitar o desejo de outros/as pesquisadores/as que possuem outros corpos-geopolíticos, a pensarem uma Teologia Feminista da Libertação a partir de suas demandas.

antropólogas e antropólogos, as provocações contidas nele, podem também, ser atribuídas à teólogos e teólogas.

Segato fala da necessidade de sermos interpelados/as pelas comunidades e povos que lhes colocam suas “demandas”, portanto a Teologia Feminista Decolonial da Libertação deve ser então, uma teologia do/a outro/a, um conhecimento que contribua para o desenvolvimento da sensibilidade ética:

sujeita à demanda daqueles e daquelas que antes haviam sido objeto de nossa observação... atenta e interpelada por aquilo que esses sujeitos nos solicitam como um conhecimento válido, que lhes pudesse servir para acender a um bem-estar maior, e recursos e, sobretudo, à compreensão de seus próprios problemas(SEGATO, 2021, p.15).

Uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação pensada a partir da proposta de Segato, fundamenta sua práxis pensando a questão de raça e gênero, portanto, enquanto teólogos e teólogas, incluímos a questão da religião a tais questões, no sentido de colaborar com a resolução dos problemas das mulheres inseridas nas comunidades religiosas cristãs, pois é a comunidade que dá o ponto de partida do fazer uma teologia de cunho feminista que pensa a descolonização e a libertação das mulheres.

Ao seu modo, mulheres que frequentam comunidades religiosas cristãs - apesar deste espaço possuir uma configuração patriarcal - ao seu modo, são capazes de construir formas de resistência a partir das suas demandas cotidianas. Sobre isso, é importante mencionar o trabalho da teóloga, psicóloga e cientista da religião Anete Roese, que em seu texto *Religião e feminismo descolonial: os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI*, diz que as mulheres inseridas no contexto religioso, agenciam, experimentam e vivenciam a religião no terceiro milênio, ao seu modo, mostrando o caráter protagônico das mesmas nos espaços religiosos.

O modo de fazer religião das mulheres, apesar de se mostrar um movimento sutil, é também vigoroso. Na minha tese de doutorado *Religião, imigração e gênero: uma análise a partir de uma chave de leitura feminista pós/des colonial sobre o fenômeno do associativismo religioso entre mulheres imigrantes bolivianas batistas na cidade de São Paulo*, realizei um trabalho de grupo focal com mulheres evangélicas bolivianas. Na época, propus nessa atividade que cada uma das participantes em dupla, trio ou individualmente, pesquisassem sobre algumas personagens bíblicas e suas histórias.

Ao fazer a análise desta atividade foi possível compreender que as hermenêuticas realizadas pelas participantes, em alguns momentos, indicavam uma tendência de reivindicação por

respeito, consideração, igualdade nas relações entre marido e mulher, e também o reconhecimento do protagonismo feminino. Foi possível então identificar que as falas das participantes configuram o que classifico como reivindicações feministas de inspiração religiosa, pois, tais hermenêuticas tinham a potencialidade de abrir um caminho, mesmo que desprezioso, para uma possível elaboração um saber feminista-religioso-decolonial.

Através da leitura e da hermenêutica bíblica, as mulheres evangélicas bolivianas refletiram sobre suas experiências pessoais e íntimas, o que tornou possível a elas, mesmo sem perceber, encontrar o seu lugar na diferença colonial, o lócus fraturado e a brecha decolonial. Esse caminho se abriu a partir da demanda dessas mulheres, e o mesmo representa um potencial para descolonizar categorias religiosas que tentam “moldar” estas mulheres.

Os “moldes” criados pela religião cristã quando analisados a partir do pensamento feminista decolonial, representam a colonialidade de gênero, pois colocam as mulheres como pessoas passivas, submissas, sem capacidade de pensar estratégias, e de protagonizar a sua experiência religiosa. Quando as participantes da atividade reconheceram nas personagens bíblicas características femininas positivas e reais, as mesmas percebem que lhes é permitido serem mulheres para além das expectativas e exigências eclesiais e dogmáticas.

É importante destacar que, durante a atividade e depois de realizar a análise da mesma, foi possível perceber que a forma como as participantes apresentaram as histórias das personagens bíblicas, ora tinham um caráter mais emancipatório, ora reforçam os “moldes”. Considero importante ressaltar esse aspecto para que não se caia na perigosa armadilha da análise e expectativa “romântica”, isto é, é preciso reconhecer que, no caso da minha pesquisa, a capacidade das mulheres evangélicas bolivianas de encontrarem o seu lugar na diferença colonial e o lócus fraturado que possibilita o processo de descolonização, e rompimento com as estruturas opressoras da colonialidade de gênero, não significa que isso de fato vai acontecer.

Diante disso, vejo como urgente, que a Teologia Feminista Decolonial da Libertação, seja elaborada a partir de uma relação de alteridade com as mulheres, deixando-as ser quem elas são e o que quiserem ser, e não depositar nelas, as expectativas teológicas de descolonização e libertação ao nosso “molde”. Aqui vale o reforço: Uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação precisa ser uma teologia por demanda, e isso significa reconhecer que as mulheres realizam o seu próprio agenciamento e constroem seus próprios caminhos hermenêuticos, influenciadas ou não, por orientações eclesiais.

Relacionada a essa questão, destaco também a dissertação de mestrado da cientista da religião Letícia Aparecida Ferreira Lopes, *Mulheres e CEBs em Montes Claros-MG: descolonialidade*

*e empoderamento*. Nessa pesquisa, Rocha indaga se a participação das mulheres que integram as Comunidades Eclesiais de Base no sertão mineiro, podem ser consideradas descoloniais e de empoderamento, no fim, sua pesquisa demonstrou que ora a prática religiosa parecia ter contribuído para posicionamentos e posturas das participantes, o que denota decolonialidade e empoderamento, ora corroboram para que se mantivesse a colonialidade já presente em seu interior.

Diante do exposto, se faz importante também destacar que os conhecimentos que partem da vida cotidiana das mulheres são conhecimentos situados, e por isso emanam de diferentes estruturas de poder que permeiam a vida das mesmas, onde as ambiguidades são inevitáveis.

#### *4. 1 A Justiça Reprodutiva como chave hermenêutica de uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação.*

Quando as mulheres falam desde o seu lugar, elas estão gestando e dando à luz ao próprio conhecimento, parindo um saber religioso a partir de suas experiências, com todas as ambiguidades envolvidas nesse processo. Ao usar os termos referentes à maternidade para exemplificar o processo de produção de conhecimento das mulheres, quero enfatizar que no contexto religioso cristão, muitas vezes essa questão é o “elo de ligação” entre texto bíblico e a vida das mulheres.

Uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação que permite às mulheres serem elas mesmas, ao se deparar com o fato da maternidade, do casamento e do cuidado serem as demandas com as quais essa teologia precisa dialogar dentro de uma comunidade religiosa cristã, evita reproduzir um discurso centrado na crítica e nos aspectos negativos de tais questões. É sabido que a crítica à maternidade, o casamento, e o cuidado como fatores determinantes do papel social da mulheres, marca o pensamento feminista “clássico”. Apesar de reconhecer a importância dessa postura, é preciso observar que, dependendo da demanda das mulheres que pertencem à uma comunidade religiosa cristã, insistir nesse tipo de abordagem, significa negar a existência de mulheres marcadas por um corpo-político-situado como esposa, mãe e cuidadora.

Portanto, vejo como um caminho profícuo para falar sobre as demandas citadas acima, a perspectiva da Justiça Reprodutiva<sup>11</sup>, que reivindica a efetivação dos direitos das mulheres a

---

<sup>11</sup> O marco de conceituação do termo Justiça Reprodutiva aconteceu quando um grupo de mulheres negras cunharam o termo na Conferência de População e Desenvolvimento do Cairo em 1994, porém o mesmo veio a se tornar mais popular no ano de 2003, na Conferência Sister Song Women of Color Reproductive Justice Collective. Tendo como prerrogativa a solidariedade coletiva e a reivindicação de acesso a estes direitos e

partir de uma consciência de solidariedade coletiva. Além disso, sendo a Justiça Reprodutiva um conceito que leva em consideração as mulheres racializadas, e suas demandas coletivas, torna-se uma chave de leitura da realidade, e de práxis social a partir do corpo-geopolítico.

A importância de se incorporar a perspectiva da Justiça Reprodutiva para a Teologia Feminista Decolonial da Libertação, se justifica diante de dados referentes à adesão religiosa no Brasil. De acordo com a reportagem *Mulheres e negros compõem maioria de evangélicos e católicos*<sup>12</sup>, publicada no dia 15 de janeiro de 2020, as mulheres correspondem a 58% dos frequentadores de igrejas evangélicas e 51% das católicas, sendo que pretos/as e pardos/as também são maioria, com 59% e 55% dos fiéis, respectivamente.

Portanto, a demanda da Teologia Feminista Decolonial da Libertação é racializada, em situação de vulnerabilidade, e que encontra na religião o seu espaço de sentido da vida e de força para viver o cotidiano, e, que, apesar dos discursos conservadores e fundamentalistas, no modo de fazer religião das mulheres, é possível encontrar uma e potência de transformação na diferença colonial.

## **5. Considerações Finais: O que se espera de uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação?**

Neste artigo procurei discorrer, com base em diversos/as teóricos/as e pesquisadores/as sobre a possibilidade de “rascunhar” o que chamo de uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação.

A Teologia da Libertação é uma teologia de ação importante, para a transformação linguística-simbólica-religiosa, em prol da libertação e soberania econômica na América Latina, sendo que tais características tornaram possível reconhecer o caráter decolonial dessa teologia, pois ela é capaz de identificar o problema colonial imposto pela modernidade/colonialidade;

A Teologia Feminista na América Latina que, apesar de ter herdando boa parte das perspectivas da Teologia da Libertação como por exemplo, a crítica ao projeto

---

serviços, a justiça reprodutiva afasta-se do foco de defender o direito de escolha individual, e coloca ênfase em questões de cunho coletivo. Essa mudança oportuniza a inserção das demandas das mulheres racializadas, que passam a ser incluídas efetivamente como sujeitos de tais direitos. A justiça reprodutiva, ao enfatizar o coletivo reivindica ações práticas no sentido do acesso à saúde reprodutiva como acesso à justiça social, consequentemente, passa a ser parte da efetivação destes direitos reflexões, críticas e denúncias referentes a ineficiência dos serviços de saúde, o racismo, a xenofobia e da homofobia presente em alguns atendimentos no Sistema Único de Saúde (SUS).

<sup>12</sup> Reportagem disponível em: <https://veja.abril.com.br/religiao/datafolha-mulheres-e-negros-compoem-maioria-de-evangelicos-e-catolicos/> Acesso em 01/10/2022.



desenvolvimentista que produz pobreza, não se eximiu de duras críticas à essa teologia, ampliando a reflexão para situação de pobreza das mulheres, e a crítica ao patriarcado e a opressão masculina sobre as mulheres que é muitas vezes legitimada pela própria teologia, dimensionando a mediação-sócio-analítica para uma mediação-corpo-geopolítico, um lugar de anúncio teológico da libertação, revelando também seu caráter decolonial.

A Teologia Feminista Pós-colonial, aparece no artigo como um caminho para “rascunhar” o que poderia ser uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação, e isso se dá pelo seu potencial hermenêutico bíblico, capaz de romper com o padrão colonial. Porém, reconhece-se que, apesar dessa contribuição, a mesma apresenta limites consideráveis, sendo necessário, privilegiar o pensamento feminista decolonial, e fazer dessa perspectiva a base do que chamo de Teologia Feminista Decolonial da Libertação.

Em suma, o que me foi possível “rascunhar” sobre o que poderia vir a ser uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação se divide em quatro pontos:

1. Uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação deve ser elaborada a partir do seu lugar de enunciação, que no caso é a América Latina, e portanto, reconhece na Teologia da Libertação e na Teologia Feminista um aporte histórico-social que contribui com uma análise de conjuntura que se posiciona contra um projeto hegemônico colonial.
2. Uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação deve utilizar a mediação-sócio-corpo-geopolítica para ampliar seu olhar sobre a realidade social, reconhecendo na vida cotidiana das mulheres marcadas pela intersecção raça, gênero e religião, uma outra narrativa teológica que expõe a diferença colonial e o lócus fraturado como potencial de descolonização.
3. Uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação é uma teologia por demanda, e por isso, se comprometer em elaborar, junto com as mulheres, leituras e hermenêuticas bíblicas a partir da experiência das mulheres, reconhecendo na Justiça reprodutiva, a chave para esse trabalho.
4. Uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação reconhece que nos espaços religiosos considerados opressores, podem existir brechas que representam a construção de significados de resistência, ou não. Por isso não cai na perigosa armadilha da análise “romântica”, nem impõem seus “moldes descoloniais”, sabendo lidar com as ambiguidades.

Por fim, entendo que elaborar uma Teologia Feminista Decolonial da Libertação, será sempre um trabalho inacabado, isso porque entendo que essa perspectiva teológica precisa estar em um constante movimento provocado por diversas demandas.

### Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. **Da esperança**. Campinas, SP: Papirus, 1987.
- ANZALDÚA, Gloria. **La consciência de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência**. IN. HOLANDA. Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista**. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo. 2019.
- ASSMANN, Hugo. **Teologia desde la praxis de la liberación: ensayo teologico desde la America dependiente**. 2. ed. Salamanca: Sigueme, 1976.
- BABBA, Homi. **O local e a Cultura. Belo Horizonte**. Ed. UFMG.1998
- CURIEL, Ochy. **Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial**. In.HOLANDA. Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista: Persepectivas decoloniais**. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo. 2020.
- CAMPANARO, Priscila Kikuchi. **Religião, imigração e gênero: uma análise a partir de uma chave de leitura feminista pós/des colonial sobre o fenômeno de associativismo religioso entre mulheres imigrantes bolivianas batistas na cidade de São Paulo**. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião São Bernardo do Campo.
- CUNHA, Carlos Alberto Mota. **Teologia decolonial e epistemologias do Sul** . In. Revista DUBE, Musa W. **Toward a Post-Colonial Feminista Interpretation of the Bible**. In. PUILAN, K. **Hope Abundant. Third World and Indigenous Women's Theology**. Orbs Books. New York. 2010.
- DUSSEL, Enrique. **Historia de la Iglesia en América Latina. Medio Milenio de coloniaje y liberación (1492-1992)**. Madrid-Espana, 6. 3d. Mundo Negro, 1992.
- INTERAÇÕES, Belo Horizonte, Brasil, v. 13, n. 24, p. 306-333, Ago./Dez. 2018.

- SPIVAK, Gayatri. **Pode o Subalterno Falar**. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2010
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2000.
- GEBARA, Ivone. **A Teologia da Libertação e as mulheres. Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 23, 2020. DOI: 10.5216/sec.v23i.61023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/61023>. Acesso em: 21 set. 2022.
- GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. Tradução de João Paixão Netto. 2. ed. São Paulo, SP : Loyola, 2002.
- GROSGOUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**, Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 80 | 2008, posto online no dia 01 outubro 2012, consultado o 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/697> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/rccs.697>
- GUTIERREZ, Gustavo Luis. **Teologia da libertação: perspectivas**. Tradução de Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva, Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000. p.59.
- KIKUCHI, P. (2022). **Justiça reprodutiva, decolonialidade e religião: alguns aportes teóricos para um começo de conversa**. Revista Poiesis, 23(2), 1–15. Disponível em <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/poiesis/article/view/4900>.
- LUGONES, María. **Rumo a um feminismo decolonial**. In. HOLANDA. Heloísa Buarque de. Pensamento Feminista. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo. 2019.
- MOHANT. Chandra. Bajo los ojos de occidente. Academia Feminista y discurso colonial. In. Artículo publicado en: Liliana Suárez Navaz y Aída Hernández (editoras): Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes, ed. Cátedra, Madrid, 2008.
- NARAYAN, Uma. **O projeto da epistemologia feminista: Perspectivas de uma feminista não ocidental**. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan. Gênero, Corpo e Conhecimento, Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro: 1997.
- PUI-LAN, Kwok. **Globalização, gênero e construção da paz: o futuro do diálogo interfé**. São Paulo. Paulus. 2015
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.
- ROCHA, Leticia Aparecida Ferreira Lopes. **Mulheres e CEBs em Montes Claros-MG: decolonialidade e empoderamento**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) --Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019.

- ROESE, Anete. **Religião e feminismo descolonial: os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI**. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 13, n. 39, p. 1534-1558, 5 out. 2015.
- RUTHER, R. R. **Sexismo e Religião: rumo a uma teologia feminista**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2015.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo. Cortez. 2010.
- SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021
- SEGATO, Rita Laura. **La nación y sus Otros. Raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempos de Políticas de identidad**. Prometeu Libros, 2016.
- SUNG, Jung Mo. **Teologia e Economia: Repensando a Teologia da Libertação e suas utopias**. São Paulo: Fonte Editorial, 2008. G
- TAMAYO, Juan José. **Teologías del Sur: el giro del colonizador**. Madrid:Editorial Trotta, 2017.
- TOLDY, Teresa Martinho. **“Passar as fronteiras”. Por uma teologia pós-colonial em contexto português**. In. SOUZA, Sandra Duarte de, SANTOS, Naira Pinheiro dos. Estudos Feministas e Religião: Tendências e Debates. Vol. II. Curitiba: Editora Prismas, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015